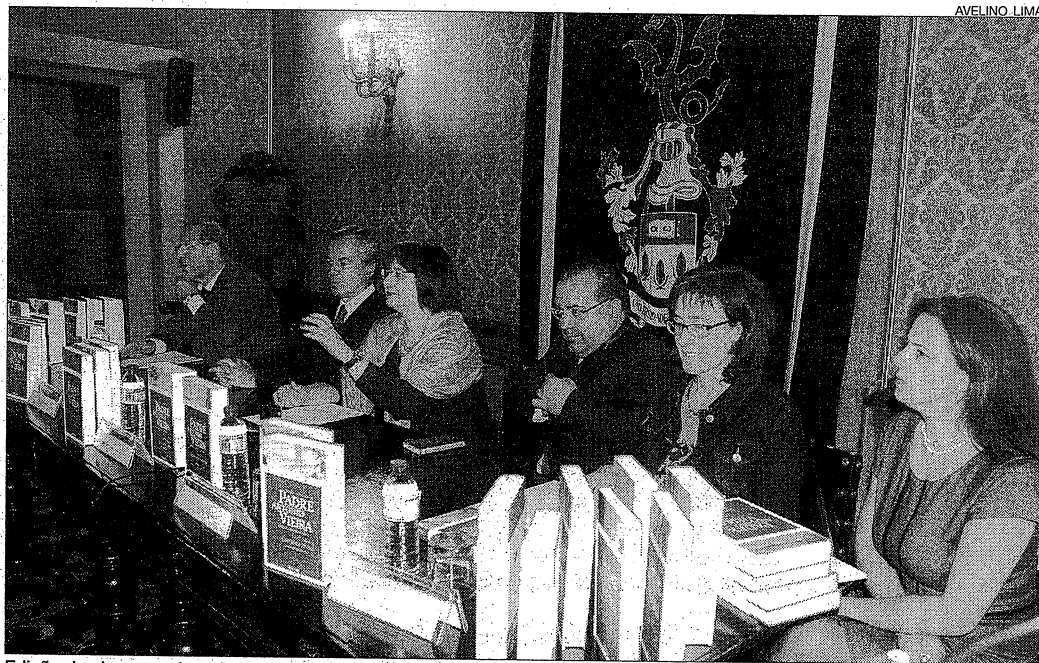


Círculo de Leitores edita 30 volumes de “imperador da Língua” Minho foi “pedra angular” na obra do Padre António Vieira



Edição da obra completa do Padre António Vieira apresentada ontem na UMinho envolveu mais de 50 investigadores

JOSÉ CARLOS LIMA

O “imperador da Língua Portuguesa” conta com a edição completa da sua obra, num trabalho que contou com a colaboração de quase todas as universidades portuguesas, várias universidades brasileiras e algumas universidades europeias. Só este facto atesta a dimensão do teólogo, filósofo, linguísta, pensador, economista e diplomata Padre António Vieira, que deixou uma vasta produção de textos proféticos, sermões e cartas, escritos políticos, escritos sobre os judeus, escritos sobre os índios, poesia e teatro, que o colocaram nos mais elevados altares da Língua Portuguesa.

A obra está agora reunida em 30 volumes, depois de anos de aturado trabalho de criptólogos, linguístas, historiadores, teólogos e juristas, entre outros, «num feito raro» nas Ciências Humanas e Sociais, que excecional-

mente teve financiamento e conseguiu conciliar uma equipa alargada e diversa, que ontem encheu o salão nobre da Universidade do Minho, numa apresentação patrocinada pelo Conselho Cultural. Ao «momento histórico» para a língua e cultura portuguesa, não puderam assistir dois dos investigadores que mais se alegraram no Céu com esta edição: Lúcio Craveiro da Silva e João Francisco Marques (falecido recentemente), que ontem foram lembrados pelos principais responsáveis desta “maratona linguística”, na qual os elementos minhotos foram considerados «a “pedra angular” deste castelo (à venda por 600 euros pelo Círculo de Leitores).

Mas lá estiveram outros “culpados”, como o diretor do projeto Eduardo Franco, a coordenadora Micaela Ramon, as revisoras lin-

guísticas de textos antigos Aida Lemos e Joana Valsa Pinho e o latinista José Carlos Miranda, que permitiu a tradução da “obra maior” dos Sermões do Padre, cuja alma missionária e viajante «impediu de deixar os seus textos melhor organizados». Mas se o ti-

vesse feito não teria possibilitado aos investigadores «o prazer de entrar dentro do seu pensamento e organizarem a sua produção», ou seja: «Fazerem o tra-

balho de casa da Língua Portuguesa, que é o de editar um imperador» da língua pátria, como realçou Eduardo Franco.

Certo é que, com esta obra, Portugal deixou de ser tão «deficitário na edição de obras completas de autores antigos» – como apontou Micaela Ramon –, cuja concretização exige a cooperação de equi-

pas alargadas de trabalho, um requisito difícil de conseguir no mundo académico das ciências humanas. «Este foi um feito excepcional, porque nunca temos financiamento nem conseguimos reunir equipas pluridisciplinares com vontade de trabalharem a médio/longo prazo», reconheceu Eduardo Franco, que dividiu a direção com Pedro Calafate.

O trabalho envolveu 52 especialistas portugueses e brasileiros em Literatura, Filologia Clássica, Linguística, História, Paleografia, Filosofia, Teologia e Direito. Mais de um quarto do total da obra é constituído por escritos inéditos ou parcialmente inéditos, com mais de 12.000 páginas, das quais cerca de 3.000 foram traduzidas diretamente do Latim, numa edição comentada e atualizada, que contém fontes manuscritas e impressas a partir de arquivos de Portugal, Brasil, Espanha, França, Itália, México e Inglaterra.

Um quarto da obra é inédito, tem mais de 12.000 páginas, das quais cerca de 3.000 traduzidas do Latim